

CAPÍTULO 26

Investimentos no “regionalismo” por parlamentares brasileiros: dois casos exemplares (PE e MA)

Luan Pires Canavieira

Resumo

O presente artigo visa entender as relações entre produção e publicação de livros de temática “regional”, com o estabelecimento de uma carreira sólida e posição entre a elite política e estatal de seu estado nos casos dos agentes Luiz Gonzaga Patriota e Eliezer Moreira. O primeiro, deputado federal por Pernambuco, formou-se em Direito (1978) e está no seu 8º Mandato como Deputado Federal. O segundo, pós-graduando em administração pública, ocupou diversos cargos administrativos em instâncias municipais e estaduais do governo maranhense, se destacando nesses âmbitos. A pesquisa biográfica consistiu principalmente no recolhimento de informações bibliográficas sobre as carreiras dos agentes estudados. De posse dos devidos materiais, utilizamos das noções de trajetória e prosopografia para analisá-los e compará-los. Os dados foram obtidos principalmente na rede mundial de computadores, nos sites do CPDOC e Câmara dos Deputados. Foi verificada uma forte influência da intersecção entre domínios políticos e culturais para o estabelecimento das carreiras políticas dos estudados. Tendo em vista os resultados apresentados, pensamos que eles podem auxiliar no debate sobre conexões entre política institucional e intelectualidade, demonstrando a pertinência em pensar na multidimensionalidade (GRILL, REIS, 2016) de atuações dos agentes políticos identificados como estando em posição de “elite”. Além disso, o artigo pode demonstrar a pertinência metodológica da construção e estudo de perfis, em que é verificado como são adquiridos e investidos determinados trunfos simbólicos em uma configuração sócio-histórica.

Palavras-chave: elites parlamentares; região; produção escrita.

1. Introdução

O presente trabalho se insere na agenda de estudos que parte da existência de justaposições entre domínios políticos e culturais, que se refletem na importância do trabalho intelectual de agentes políticos. O que pode ser verificado mais especificamente por meio da análise da atividade escrita de parlamentares, seguindo as investigações em andamento¹ no Laboratório de Estudos de Elites Políticas e Culturais, desde a pesquisa mais ampla sobre “políticos que escrevem” (GRILL; REIS, 2016). Dessa pesquisa derivou o projeto voltado às “Representações e usos da “região”: uma análise comparativa da produção de identidades regionais por parlamentares brasileiros (MA, PE, MG, RS)”, que tem por objetivo mais amplo investigar as trajetórias e publicações de agentes que, nos seus investimentos variados, acumularam posições políticas bem situadas e reconhecimentos como intelectuais. Principalmente, eles se disponibilizaram a escrever sobre as configurações regionais nas quais se inscreveram (sua política, sua economia, sua cultura, seu povo, suas personalidades, seus eventos marcantes, etc.). Por esse intermédio, eles contribuíram na construção de uma identidade regional e conquistaram lugar entre seus intérpretes autorizados (REIS; GRILL; PEREIRA, 2020).

Partimos dos trabalhos sobre as disputas de poder no *campo político* e a consagração de porta-vozes nesses âmbitos, iniciados por Pierre Bourdieu (1989b). Seguindo essa trilha, para entender o investimento em escrita sobre “regiões” por parlamentares brasileiros, seria necessário a investigação sobre a posição desses agentes, de seus trunfos, relações e investimentos, que baseariam a possibilidade, a “autorização”, para a manipulação de uma ideia de “região”

¹ Este artigo é a apresentação de dois capítulos adaptados do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do autor, que envolveu uma pesquisa sociográfica mais ampla com 10 casos de parlamentares pernambucanos que escreveram livros e artigos sobre a sua região (CANAVIEIRA, 2021).

conhecida e reconhecida por um grupo (BOURDIEU, 2005). Destas reflexões iniciais, deriva uma agenda de estudos, na qual este artigo se insere, em que procuramos estudar as “elites políticas” a partir dos seus amálgamas com os domínios e lógicas de produção cultural, observando, principalmente, como elas estão ligadas à conquista de *multinotabilidades*² por parte de agentes, que ascenderam em boas posições nesses domínios da vida social (GRILL; REIS, 2016).

A ideia de *domínio* indica a existência de uma dimensão do mundo social no qual os envolvidos têm certo tipo de atuação e de especialização, mas não como acontece em configurações com alto grau de “institucionalização” e estabilidade nos seus critérios de inserção e hierarquização. Em situações como a brasileira, as fronteiras dos espaços da política são vulneráveis, com “graus variáveis e frágeis de institucionalização”, o que se observa pela dependência da “importação e certificação de modelos exógenos” e pela utilização de vários registros e recursos de ação (REIS; GRILL, 2017. p. 141). Da mesma maneira, entendemos que os recursos de ascensão política provêm (não sem legitimidade) de diversas fontes (midiática, jurídica, religiosa, literárias, etc.) e podem ser utilizados como trunfos de luta e mobilizados, por exemplo, através de redes de relações e créditos pessoalizados (REIS; GRILL, 2017).

Assim, os agentes localizados na alta hierarquia política, ao produzirem livros, artigos, discursos, etc. escritos, acumulam notabilidades como “especialistas” e podem impor narrativas acerca do mundo social, cujos efeitos podem afetar até mesmo noções acerca do jogo de disputa de outros domínios e do espaço social mais amplo, e reconfigurar regras, hierarquias, legitimidades, simbolismos etc. (GRILL; REIS, 2016; PÉCAUT, 1990). No caso da pesquisa aqui apre-

2 Para verificação das três bases principais e complementares (recursos familiares, perfil militante, e investimento cultural) de *multinotabilização* política no Brasil ver Reis e Grill (2017).

sentada, interessa-nos as concepções escritas vinculadas aos usos da ideia de “região”.

A partir da pesquisa de Reis, Grill e Pereira (2020), que aplicam a ideia de “região” de Bourdieu para pensar seu uso nas disputas políticas³, é possível observar como agentes políticos, em determinados contextos históricos, em relação a seu itinerário de atuação, aliados e inimizados, conseguem produzir sentidos e acordos sobre as definições de fronteiras e identidades regionais. Foi verificado que o potencial de invenção das ideias sobre suas “regiões” está diretamente ligado aos momentos históricos dos estados em que estes agentes atuaram, e eles próprios ajudaram a reproduzir ou reinventar estes sentidos.

Portanto, a partir dessas discussões, principalmente sobre a construção de legitimidade em torno de definições sobre “regiões” por políticos e intelectuais, empreendemos o esforço de “renunciar às dualidades que opõem e fundamentam escolhas metodológicas” (REIS; GRILL, 2017, p. 141), e a consequente possibilidade de apreender de forma mais complexa as bases que configuram as *multinotabilidades* e as *multiposicionalidades* que pretendemos investigar.

Nesse sentido, entendemos que nossos casos representativos acumularam diversos recursos (simbólicos e materiais), incluindo um cabedal de relações interpessoais menos institucionalizadas, relações afetivas, etc. que podem ser expressos em determinadas narrativas acerca de sua biografia, e acessadas por nós. Dessa forma, foi possível operacionalizar a pesquisa através da ideia de comparação advinda do método prosopográfico (CHARLE, 2006) e da de perfil, inspirada na construção de trajetórias (BOURDIEU, 1996). Procurou-se então colocar estes dados em relação, ou seja, entendê-los como

³ Construto social advindo da disputa de diferentes agentes do mundo social pela legitimidade de falar em nome dela (BOURDIEU, 1989a).

expressão de uma dinâmica social (Idem), que abrange disputas, relações sociais, culturais, relações de poder, trocas, disposições, etc.

Na questão sobre um trabalho que toma como objeto perfis de agentes, nos apoiamos nas considerações de Marengo dos Santos (2013). Seguindo suas formulações, por meio do perfil das “elites políticas” seria possível compreender diversas dimensões de análise, já que permitem visualizar os investimentos e desinvestimentos feitos por agentes nas instituições e correlações de força menos institucionalizadas, observando como destas surgem tomadas de decisão e investidas variadas.

As fontes para a coleta de dados estão principalmente na rede mundial de computadores, sendo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o site da Câmara dos Deputados, do governo do estado de Pernambuco, os livros e/ou artigos publicados pelos estudados, além de entrevistas e vídeos disponibilizados digitalmente pela rede.

2. O perfil de Gonzaga Patriota

Para a apresentação dos resultados sobre o agente, iremos nos debruçar sobre uma comparação com algumas regularidades dos perfis estudados em outra oportunidade, também parlamentares pernambucanos que escreveram sobre sua região (CANAVIEIRA, 2021). Acerca do nascimento, Gonzaga Patriota faz parte da geração mais nova entre os 10 casos analisados. Apesar do título escolar predominante entre os pernambucanos ser em Direito, a forma como o agente nascido em Sertânia conquistou esse título escolar é diferente dos demais titulados nessa graduação. Enquanto todo o restante fez o curso na prestigiada Faculdade de Direito de Recife, Patriota obteve o diploma no interior do Ceará, na cidade do Crato.

Sobre as ocupações profissionais, o agente é um dos poucos que converte seu diploma na profissão de advogado, além de também converter o diploma em contábeis na profissão de contador antes de entrar para a política. Quanto aos escritos, Patriota publica geralmente ensaios e discursos sobre políticas públicas para o “Nordeste”. Isso vai ao encontro do seu perfil mais técnico singular dentre os demais agentes, fruto de ter vivido em um período histórico dispare dos demais (CANAVIEIRA, 2021) e da própria forma como se deu sua trajetória, de forma mais “ascendente”. Assim, ele se especializou obtendo diversos títulos de graduação e pós-graduação, podendo empregar em seus livros um olhar legitimado como “técnico” sobre grandes obras de infraestrutura direcionadas a questão da “seca” “nordestina”.

2.1. Primeiros investimentos políticos e culturais

Começando uma análise mais detalhada de sua trajetória, com base na sua entrevista à revista *Movimento* de número 55 (2015), o agente em questão parece demonstrar um certo tipo de prestígio genealógico, ou tenta construí-lo. Apesar de sempre lembrar de sua origem como “humilde” o atual deputado consegue traçar uma árvore genealógica de sua linhagem do “fundador” da família até os dias atuais (MOVIMENTO, 2015). Isso demonstra uma tentativa de manter uma memória acerca da família (que até mesmo tem um escudo heráldico próprio) desde seu fundamento até o círculo familiar mais próximo do agente.

Gonzaga Patriota sabe da história do “patriarca da família” e faz questão de detalhá-la na entrevista. Percebemos uma tentativa de construção biográfica legitimadora, já que reconstituindo o passado da família, uma certa ideia de “Nordeste” é mobilizada, além de ser feita uma relação com “acontecimentos históricos”. Essa rememora-

ção do passado do “fundador” da família pode ser relacionada com estratégias já delineadas pelo estudo de Grill (2020), que mostra como descendentes de “linhagens de políticos” exibem “fundadores” e antepassados das famílias como modelos de conduta vinculados a contextos regionais, as quais teriam sido “herdadas” por eles. Com poucos ou censurados casos de antepassados políticos, a estratégia de Patriota fica por conta de utilizar a “imagem” do “fundador” “José Patriota” para fixar uma relação entre a sua “origem familiar” e a “região”. Aqui vemos, além do trabalho de construção genealógica, um investimento em demonstrar que os trunfos culturais que estão em sua “origem” irão resultar em suas investidas culturais posteriores, principalmente sua escrita, em uma tentativa de criar uma ligação que dê sentido a esta narrativa sobre sua vida (BOURDIEU, 1996).

Quanto a primeira atividade profissional de Patriota, ele foi telegrafista da Rede Ferroviária Nacional (RFFSA), na estação Pinto Ribeiro, em Sertânia, em 1963. O agente irá ter seu primeiro contato com algum tipo de engajamento político através de seu exercício, já que, três anos depois de iniciar seus trabalhos na ferrovia, entrou para o Sindicato dos Ferroviários do Nordeste, ao mesmo tempo que, em época de restrição no mercado político, se filiou ao seu primeiro partido, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e se tornou presidente municipal em Salgueiro, município de Pernambuco. Cinco anos mais tarde faria sua primeira graduação, em Ciências Contábeis, na Universidade Regional do Cariri (URCA) em 1969 e dois anos depois, em 1971, virou professor do colégio Don Malan, na cidade de Petrolina (PE), onde firmará sua principal base eleitoral no futuro. Em 1973, começou a cursar Direito, na mesma instituição de seu primeiro curso superior.

Nesse momento, participando de movimentos sociais e estudantis, transitando entre sua vida política e acadêmica, obteve diversos contatos políticos no Ceará, que nessa época também

compunham as fileiras do MDB. Cabe destacar estas lideranças consideradas mais à “esquerda” na época compunham um grupo do partido chamado “autênticos”. Segundo consta no CPDOC, nesse momento, a bancada crescia, e muitos foram beneficiados pela distribuição de cargos dentro do partido, ocupando posições de destaque e liderança (FURTADO, 2011). No entanto, mesmo com tecendo relações com essas lideranças de destaque nesse momento, a atuação inicial mais concentrada no âmbito local de Patriota não será frutífera em termos de eleições, tendo perdido uma disputa para prefeito de Salgueiro em 1976.

2.2. Militância, escrita, religião e política rural

A vinculação de Gonzaga Patriota ao colégio Dom Malan como professor de matemática parece ter sido o primeiro passo para o contato de Patriota com a Diocese de Petrolina, instituição religiosa com atuação em diversas cidades interioranas do Pernambuco (CAVALCANTE, 2008). Segundo entrevista de Patriota (MOVIMENTO, 2015), a diocese parece ter se envolvido na disputa por representação sindical dos trabalhadores do campo do interior de Pernambuco, com claros impactos sobre sua atuação política.

A luta por representação rural na década de 1960, foi influenciada pela criação das Ligas Camponesas, movimento social que teve como principal porta-voz Francisco Julião (PEREIRA, 2008). Surgido em 1955, o movimento se diferenciava das organizações de trabalhadores rurais da época, pelos seus recursos, perfil de seus porta-vozes e militantes, além de suas pautas (DEZEMONE, 2016; PEREIRA, 2008). O movimento preocupou as autoridades da época por seu crescimento, no governo João Goulart (1961-1964), que então começou a política de incentivo à sindicalização para frear a adesão às ligas (DEZEMONE, 2016). Dentre as principais instituições

que se beneficiaram com essas políticas de representação no campo, esteve a Igreja Católica, que se envolveu ferrenhamente no embate (DEZEMONE, 2016; PEREIRA, 2008).

Patriota começou seus principais contatos com esse sindicalismo agrário em um contexto em que esta disputa já estava de certa forma consolidada, já na década de 1970, com a supressão, pelo Regime Militar, dos principais porta-vozes das Ligas Camponesas e a continuação da política sindical começada por Goulart pelos militares. Dessa forma, sindicatos ou instituições representativas relacionadas a determinados partidos e à Igreja estavam consolidados na representação dos “trabalhadores do campo” do interior pernambucano. Parece ser o caso da Diocese de Petrolina, e um de seus porta-vozes na época, Mansueto de Lavor.

Em 1978, Gonzaga já se sentia autorizado a despontar como deputado estadual. No entanto, segundo ele (MOVIMENTO, 2015), a pressão era para que Lavor fosse alçado na eleição. Na época, o padre já era um notável local de maior expressão política, tendo mais chances na disputa. O sacerdote já possuía diversos trunfos acumulados, entre intelectuais, religiosos, políticos e inclusive, midiáticos. Este agente foi diretor de rádios locais onde mantinha, por exemplo, “programas voltados aos trabalhadores rurais” (MOVIMENTO, 2015). Patriota cedeu assim a oportunidade de ser candidato, pois além da relação de amizade, Lavor ainda lhe concedeu um cargo como seu chefe de gabinete. Por este vínculo, aproximou-se dos movimentos eclesiais de base e, além do cargo político, o amigo lhe empregou em um programa de rádio em uma das emissoras sob sua direção, em que os ouvintes consultavam advogados sobre seus direitos rurais⁴.

4 Acreditamos que para a época, essa imagem de advogado dos trabalhadores do campo era um trunfo político muito forte, dada a configuração de relações que se mantinha no âmbito rural pernambucano (DEZEMONE, 2016). Com a consagração do vulto de Julião como o advogado do campo e porta-voz de um impactante movimento social e de um âmbito propício para essa “busca por direitos” dos traba-

Em 29 de novembro de 1979 termina o bipartidarismo, e sua filiação passa a ser o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), para o qual foram a maioria dos antigos filiados ao MDB. Em 1980, publicou seu primeiro livro, não diretamente ligado a questões regionais, *Ação de Alimentos* (1980). Em 1982, Lavor se candidata a deputado federal, o que abre as portas para Patriota se lançar como deputado estadual na mesma eleição. É eleito pelo partido, com 34 anos.

Durante seu primeiro mandato eletivo, em 1983, publica seu trabalho inicial sobre as questões regionais, *A Epopeia da Seca*. Em 1984, torna-se vice-líder do PMDB na Assembleia pernambucana. Em 1985 lança seu segundo livro sobre o Nordeste, *Denúncias*. Na eleição de 1986, Lavor lançou-se para Senador, através de indicações de Miguel Arraes (voltado do exílio, eleito governador de Pernambuco, e retomando para si a liderança do antigo eixo oposicionista local) permitindo Patriota se candidatar e ganhar a mesma eleição para Deputado Federal Constituinte. Pode-se considerar que Patriota, seguindo Mansueto de Lavor, se torna uma liderança que acaba por rondar em torno de Arraes. Em 1987 o deputado pernambucano começa seu primeiro curso de pós-graduação, em Ciência Política, mesmo ano em que escreve seu terceiro livro de tocante “regional”, *O Nordeste é Viável*.

2.3. Alçada ao trâmite nacional

Em 1988 ocorre a promulgação da nova carta constitucional e Patriota volta a atividades ordinárias na câmara. Sua segunda filiação partidária ocorre agora pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT).

lhadores, atuar enquanto um advogado que presta serviços à trabalhadores rurais parece ter sido um dos motivos para a forte e perene alçada de Patriota para a política nacional.

Ainda em 1988, ele escreve sua quarta produção sobre a “região”, *Ferrovária Transnordestina: Uma Realidade*, remetendo à votação na Constituinte em que teve este projeto aprovado. Aqui, podemos perceber um padrão de atuação intelectual e política exercida pelo agente na qual ele escreve livros sobre os projetos que ele propõe em sua atuação parlamentar, amalgamando objetivamente sua atuação intelectual e política⁵. Em 1989, ele conclui seu curso de pós-graduação em Ciência Política, pela Universidade do Distrito Federal. Em 1991, Gonzaga Patriota se retira da câmara, e começa seu mestrado em Ciência Política pela Universidade de Brasília.

Em 1993, ele se desvincula do PDT, indo para o Partido Socialista Brasileiro (PSB), segundo ele pelo convite de Arraes (movimento também feito por outras lideranças próximas ao agente). Elege-se deputado federal por Pernambuco em outubro. Em 1995, escreve seu quinto livro de temática regional: *O Rio São Francisco Está Morrendo*. Ao longo do governo de Fernando Henrique Cardoso, o agente demonstra ter uma atuação condizente com o escrito geral em seus livros e em sua publicação *FHC Erradicou os Órgãos do Nordeste* (2001).

Reeleito em outubro de 1998, iniciou a nova legislatura em fevereiro do ano seguinte. Obteve novo mandato de deputado federal por Pernambuco também nas eleições de 2002, na legenda do PSB. Foi reeleito para a Câmara mais uma vez, em 2006, sempre no PSB. Em 2000, Gonzaga Patriota concluiu o curso de mestrado em Políticas Públicas e Governo, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ao longo das décadas de 2000 e 2010, irá assumir uma posição relativamente próxima aos governos de Lula e Dilma. Talvez o

5 Apesar de em *Denúncias* já existirem propostas de leis, inclusive sobre um projeto para a transposição do São Francisco com o Tocantins, o conteúdo do livro não necessariamente diz sobre os projetos que ele colocava em votação no momento em sua atividade política, já que Patriota ainda era deputado estadual, e o seus projetos neste livro mais antigo só poderão ser colocados em pauta quando este ocupa o cargo de deputado federal/constituinte.

momento de rompimento com essa continuidade venha quando Eduardo Campos, líder do PSB após a morte do avô Arraes, se candidata a presidente. Mesmo assim, em livro publicado em 2014, *Coletânea de Artigos Políticos*, Patriota abre a primeira página com um registro de sua aproximação e de seu partido com o governo federal (PATRIOTA, 2014, p. 9).

Em 2007 escreve mais uma de suas produções regionais: *O PAC no Desenvolvimento do NE*. No pleito de 2008, tenta se lançar de volta aos holofotes locais, candidatando-se a prefeito de Petrolina (PE), a qual escreveu um livro sobre quatro anos antes: *Petrolina: História Política* (2004), mas foi derrotado. É nesse ano também que escreve *A Crise no Vale do São Francisco* (2008). Em 2011, volta a câmara e elege-se como Deputado Federal ainda pelo PSB, e escreve *O Nordeste, seus Problemas e a Viabilidade de Resolvê-lo* (2011). No próximo pleito, de 2015, obtém sua posse também como Deputado Federal, mesmo ano em que escreve seu último livro de tocante regional, *Nordeste só com Águas do Tocantins Abastecendo o São Francisco* (2015), tema de um projeto de lei de autoria do agente.

2.4. Os grandes projetos – a “Seca” e o “Sertão”

“Coletânea de Artigos Políticos” é um livro do deputado Gonzaga Patriota, publicado em 2014, sem editora, provavelmente impresso através do editorial da câmara (de um modo geral o deputado não comercializa seus livros). Em uma breve leitura do sumário, as temáticas tocadas variam entre as consagradas pelo agente, principalmente no tocante às políticas públicas e outros artigos variados que se assemelham até mesmo a matérias jornalísticas – inclusive, uma das formações do agente pelo UNICEUB, em 1999.

Todos os tópicos principais remetem aos temas principais ressaltados por Patriota na administração da imagem de sua vida polí-

tica. São privilegiadas políticas que ele considera como contribuintes ao apaziguamento da seca, que ele relaciona no livro e em suas entrevistas às lutas dos trabalhadores rurais. Aparecem também uma “preocupação” com o “desenvolvimento econômico” da região, influenciada pela base de rede de relações estabelecidas pela militância, mas também certificada por um reconhecimento acadêmico, remetente aos investimentos em graduações e pós-graduações do agente.

No que tange ao conteúdo, “Coletânea de Artigos Políticos” apresenta textos de autoria do agente ou transcrições de seus discursos na câmara. O tópico principal e mais relacionado a este trabalho é “Seca”. O primeiro artigo, é nomeado “Grave situação do Nordeste em função da seca”. Na primeira página, o agente relembra o apoio ao governo federal, sua entrada na política através do MDB e seus “compromissos”, que incluem os “trabalhadores”, os “movimentos sociais”, a “igreja católica”, “Pernambuco” e o “Nordeste”.

A primeira parte do artigo se centra em um acerto de contas entre o agente e o Governo Federal, já que este não teria atuado bem no combate a uma estiagem no “sertão” no ano de 2014. São descritas reuniões e decisões feitas em conjunto com os governadores, prefeitos e deputados das regiões afetadas, mas que, segundo Patriota, não foram frutíferas. Segundo ele, existe uma “indústria da seca” que ganharia espólios econômicos com este fenômeno natural-social, estando por trás da “falta de compromisso” do governo federal com o apaziguamento da estiagem. Ele considera que a região “Nordeste” sempre é a mais “esquecida” e cujas políticas são mais fracamente direcionadas e implementadas, algo identificado como pertinente a todos os governos. É argumentado que o governo federal não estava lidando com um fenômeno “novo” para o qual pudesse não estar “preparado”, explicando através de “estudos geográficos” o porquê

de ter acontecido naquele ano o fenômeno meteorológico, e o porquê de ele ser em parte, previsível.

Esse acerto de contas varia de tom ao longo do texto, sendo mais incisivo ou mais brando, já que o deputado não era de oposição, tendo que por diversas vezes lembrar seu apoio ao governo e ao anterior, do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. São mencionados também presidentes anteriores, avaliando-os conforme seu apoio as medidas de combate aos problemas do “nordeste” e suas “origens regionais”.

Em uma dada seção do texto, Patriota celebra movimentos sociais e sindicais do campo como as Ligas Camponesas, Grito da Terra, e outros, mas principalmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), provavelmente em um cenário em que este tinha grande apelo com o Governo Federal, do qual o próprio agente participava enquanto base no legislativo. Mas claro, isso remete também aos seus investimentos juntamente a Mansueto de Lavor, na Diocese de Petrolina, nos movimentos eclesiais de base e nas rádios presididas por este agente.

Segundo ele, o principal problema do Nordeste seria a fome, que só seria apaziguada com uma reforma agrária. Após isso, viriam políticas de irrigação, apoiadas por grandes obras de infraestrutura. Findada a primeira parte do artigo, que pode ser caracterizado como um discurso transcrito, em meio as 75 páginas o agente oscila entre apresentar artigos autorais e discursos. Esses artigos, no geral, são apenas apresentações dos trâmites de algumas obras e projetos envolvidos nessa questão da seca, se assemelhando a um relato jornalístico, com apresentação de dados estatísticos e a quantidade em dinheiro dos investimentos nas obras. A segunda parte do primeiro artigo é “Reforma Agrária Séria”, em que são apresentadas discussões realizadas entre o congresso e o “Ministério da Integração Nacional”

que buscaram tratar da questão das “fronteiras agrícolas” e de problemas sobre “desenvolvimento regional”.

Há também artigos com registros de reuniões, apresentação de dados do orçamento do governo federal e das obras e planejamentos empregados para a questão da seca naquela conjuntura, e são sempre avaliados nas ideias já apresentadas, de “descaso do governo federal” com o “Nordeste”. Os elogios são resguardados as políticas implementadas por Eduardo Campos, então governador de Pernambuco pelo PSB. Essa crítica recorrente ao governo Dilma empregada no livro provavelmente remete ao rompimento nas eleições de 2014, em que Eduardo Campos se candidatou para a presidência pelo PSB.

Outro ponto a ser ressaltado é a menção recorrente a diversos estados “nordestinos” e a outros políticos desses estados, entre prefeitos, governadores, deputados estaduais e federais. Todos envolvidos nessas ocasiões políticas, em meio a embates, negociações, reuniões sobre a seca de 2014 e a atuação das diversas instâncias governamentais. É mencionada também a “Bancada do Nordeste”, que em outra ocasião fora até mesmo presidida pelo próprio Patriota. Logo, longe então de ser um modo individual de atuação de Gonzaga Patriota, ela está intrinsecamente ligada a história de consagração dos modos de representação política nesta configuração após a criação da ideia de “Nordeste” e das redes de relações tecidas no meio político e em outros pelos quais passou o agente durante sua carreira (ALBUQUERQUE JR., 2011). O deputado se destaca nesse meio então somente pela escrita de livros sobre a temática, uma tentativa de respaldar ainda mais sua pretensão de representação e luta contra esta “problemática” “nordestina”.

3. O perfil de Eliezer Moreira

Para a apresentação do segundo caso, que servirá para nossa proposta de análise comparativa, é necessário a retomada dos dados mais gerais sobre a configuração regional na qual ele se situa, a maranhense. Mais especificamente, será apresentado o universo mais geral dos perfis de parlamentares que representaram politicamente e que escreveram sobre o “Maranhão”.

Segundo Reis, Grill e Pereira (2020), entre os deputados e senadores maranhenses são predominantes os bacharéis em direito, assim como entre os pernambucanos. Se analisados em conjunto, os 10 pernambucanos publicam da década de 1920 à de 2010 sem interrupção no que concerne a pelo menos um título publicado em cada década nesse período. No entanto, retirados os casos que são exceções e não obedecem ao padrão e o maior volume de publicações sobre a região, o que temos é uma constante de escritos entre as décadas de 1950 e 1980, seja sobre Pernambuco, seja sobre o “sertão” e o “Nordeste”. No caso dos maranhenses, as publicações, mesmo posteriormente ao ano de 1980, se mantêm constantes (REIS; GRILL; PEREIRA, 2020).

Quanto aos âmbitos temáticos, salta a discrepância entre as duas configurações regionais, já que em Pernambuco se destacam os tratados e os livros sobre políticas públicas, enquanto no Maranhão há uma predominância do gênero literário, reservado entre os pernambucanos a um período de publicações pequeno, sendo também poucos os exemplares. Em Pernambuco a temática de políticas públicas é escrita pelos agentes quanto mais estes se profissionalizam politicamente, enquanto no Maranhão este processo ocorre com a temática literária.

Quanto à exaltação de um aspecto cultural das duas configurações, no caso de Pernambuco não há uma centralidade entre os

políticos de exaltarem um passado mítico e dialogarem com setores intelectualizados da literatura e do jornalismo (Idem), como fazem os maranhenses, predominando em vez disso, cada vez que as décadas avançam, uma tentativa de resolver problemas como a “seca” a partir de uma avaliação “técnica” de políticas de grandes obras que concernem ao “Nordeste”.

Por conta dos aspectos citados acima concernentes à configuração maranhense, em que saltam as discrepâncias entre as configurações dos dois estados, achamos pertinente um exercício comparativo entre o caso exemplar pernambucano, Gonzaga Patriota, com o do maranhense Eliezer Moreira Filho representativo das características do seu universo regional. O ex-deputado nasceu em 9 de março de 1935, no Rio de Janeiro, na época Distrito Federal (MOREIRA FILHO, 2011). Por parte do pai, Eliéser Moreira, sua família era bem estabelecida politicamente, já que ele e dois de seus irmãos foram políticos durante a Era Vargas e detinham contatos com elites locais maranhenses e de outros estados (MOREIRA, 2011). Portanto, podemos considerar que Eliezer Moreira Filho como um agente que adquire *multinobilidades* a partir de um modelo mais tradicional e da produção de bens simbólicos (REIS e GRILL, 2017).

Eliser Moreira estudou direito na mesma cidade em que nasceu, na Faculdade Nacional de Direito, se bacharelando em 1961. Após 5 anos da obtenção de seu título, foi nomeado diretor da Superintendência do Desenvolvimento do Maranhão (SUDEMA), no então governo de José Sarney (1966-1970). Ficou apenas um ano no cargo, quando foi alocado na Secretaria Estadual de Administração no cargo de secretário, e cumulativamente, também como secretário de Reforma Administrativa. Após novamente mais um ano, já em 1969, ocupou a Casa Civil. Desvinculou-se nesse ano para concorrer para deputação estadual, pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), mesmo partido de Sarney e de suporte à então Ditadura Militar, ele-

gendo-se em 1970. Ocupou dois cargos importantes na assembleia estadual, como vice-presidente, até 1973, e como componente da Comissão de Constituição e Justiça, até 1975. Concorrendo na próxima eleição, ficaria apenas na suplência. Voltaria então aos cargos administrativos, assumindo a Superintendência de Melhoramentos de São Luís, que ocupou de 1975 a 1977, posteriormente a Secretaria de Modernização da Reforma Administrativa, em Brasília e pôr fim a Secretaria de Planejamento, até 1982.

A filiação com um “grupo político”, uma configuração que foi privilegiada em relação a outros grupos, tendo elegido quase todos os governadores subseqüentes após esse período, pode servir de pista para verificação da sólida carreira do agente. Ele transita entre dois âmbitos amalgamados nesse momento da sua atuação, a administração pública e a carreira político-eletiva, para o qual o acionamento dessa filiação e de redes de relações pessoais foram essenciais (GRILL, 2012a). Uma breve explanação dos aspectos concernentes a formação de “grupos políticos” no Maranhão pode ser feita nesse momento.

A lógica dos “grupos políticos” maranhenses atravessa a constante luta cultural e política no estado, sendo a associação a um grupo, uma não excludente possibilidade de se apresentar como porta-voz de um segmento cultural (GRILL, 2012a). Para entendermos como Eliezer Moreira opera com essa lógica, constituindo sobre si uma imagem política “erudita”, “qualificada”, ao mesmo tempo que opera com (e produz) a imagem do Maranhão construída pelos mesmos “grupos” “eruditos” e “qualificados”, acionando seus recursos herdados e acumulados durante sua atuação política e da família, precisamos compreender estas redes de relações das quais ele participou.

A demonstração de lealdade a um líder político e a participação em seu séquito foram essenciais para a formação político-intelec-

tual de Eliezer Moreira. Em 1979, filiou-se ao partido que sucedeu a ARENA, o Partido Democrático Social (PDS). Investiu nesse mesmo ano em uma pós-graduação em Administração Pública concluindo este investimento em 1981. Seguidamente, foi nomeado coordenador do Programa Grande Carajás, exercendo o cargo até 1983.

Após essa estadia em Brasília, voltou ao Maranhão. No governo de Luís Rocha, foi secretário de Indústria e Comércio, passando apenas um ano no cargo, quando foi nomeado como secretário de Administração. Após findado este período, foi eleito deputado federal constituinte, filiado ao Partido da Frente Liberal (PFL), uma dissidência do PDS, recebendo apoio da filha de José Sarney (então presidente da república), Roseana Sarney. Na Assembleia Constituinte de 1985, integrou a Subcomissão dos Municípios e Regiões, da Comissão da Organização do Estado, as duas como titular. Já como suplente, atuou nas Subcomissões de Política Agrícola e Fundiária e na de Reforma Agrária, da Comissão da Ordem Econômica. Publicada a carta em 1988, voltou às suas atividades ordinárias na câmara. Concorreu à reeleição em 1990, sem sucesso, obtendo apenas suplência.

O agente volta então ao Maranhão após a eleição de Edson Lobão para o governo do estado. No mandato, chefiou a Casa-Civil, mas logo iria para a chefia do Banco do Estado do Maranhão, ocupando o cargo até 1994. No governo seguinte, de Roseana Sarney, foi nomeado secretário de Cultura, ficando até 1998, quando foi transferido para a secretaria de Articulação Política, atuando na campanha de reeleição da então governadora. Conquistada a vitória, Eliezer Moreira Filho atuou como gerente de Desenvolvimento Regional em Caxias, interior do estado. Foi seu último cargo público, saindo da vida política para dedicar-se à escrita. Escreveu em 1994 *A Arte do Maranhão (1940-1990)* e *O Monumental Celso Antônio: um gênio esquecido*, em 2008, *Cartas às minhas filhas*, em dois volumes, *Memórias de meu tempo* e *Histórias que os jornais não contaram*, e

em 2017 investiu em mais uma publicação sobre a “arte maranhense”, *Arte Plástica no Maranhão*.

Segundo Grill (2008), o perfil de político “tradicional”, representado pelo agente envolve a tentativa de vinculação a um “passado” glorioso da região, no caso do Maranhão, o tempo em que o estado seria “berço” de grandes escritores e intelectuais, conjugado no título de “Atenas Brasileira” (GRILL, 2008). Dessa forma, as falas destes partem de princípios como “vocação pública”, “coisa pública”, que se convertem em atributos como “‘formação’, ‘preparo’, ‘cultura’, ‘erudição’, ‘conhecimento’ (...)” (GRILL, 2008, p. 76). Assim, os agentes podem se associar a imagens construídas do seu passado familiar que permitem se destacar dos outros políticos. Essas apresentações têm claros impactos na construção, por estes agentes, de uma simbologia imagética sobre o Maranhão e estão também presentes nas apresentações do agente aqui estudado.

Esses aspectos aparecem em destaque no que tange as publicações *A arte do Maranhão* e *Arte Plástica no Maranhão* em que Eliezer faz uma apreciação de sua coleção de obras de artistas plásticos maranhenses (BOM DIA IMIRANTE, 2017). Para entender mais detalhadamente essa forma de se colocar como um avaliador, um patrono, de uma arte dita “regional”, relacionado a distintivos de “erudição”, vale a consulta ao estudo de Grill e Reis (2017), sobre intérpretes da cultura no Maranhão. Os autores analisaram dois livros exemplares de demonstração de uma lógica onde, em determinados espaços no Maranhão voltados a exaltação de princípios “regionais” de classificação cultural, como Academias de Letras e Institutos Históricos e Geográficos, há um trabalho de exaltação de ícones, intérpretes e vultos, por intermédio de publicações escritas.

Nesse sentido, as obras foram tratadas como eixos de explicitação de matrizes de classificação, apresentação e hierarquização, que “informam concepções de “cultura”, de “sociedade” e de “polí-

tica" fixadas e acionadas por profissionais da manipulação de bens simbólicos" (GRILL; REIS, 2017, p. 364). Além de que fazem "emergir identificações sociais, pessoais, ideológicas e geracionais entre autores, apresentadores, comentaristas e "ícones"" (Idem, p. 364), "localizados em um sistema interligado de narrativas sobre o Maranhão (...)" (Idem, p. 365). Portanto demonstram lógicas de concorrência pela afirmação de elementos próprios da regionalidade, travada entre os "produtores" dos "conjuntos de notáveis". Assim, permitem lançar mão de análises sobre elementos eternizados em uma "memória coletiva" e embates travados em posicionamentos sobre o passado da região (GRILL; REIS, 2017, p. 365).

A conclusão dos autores sobre as obras foi de que elas traduzem as relações erguidas por um sentido comum de zelar por um patrimônio e memória coletivas "regionais" maranhenses (Idem). Isso se deve a uma exaltação ambígua, mas amalgamada de definições de cultura, em que são ao mesmo tempo sobrevalorizadas uma intelectualidade, europeia e erudita, representada pela literatura e as Academias de Letras e de outro uma "transmissão" geracional de bens culturais "populares", operada por agentes portadores de elevados recursos culturais (Idem).

Dessa forma, como participante da configuração intelectual e política protagonizada por José Sarney, que se apoiou nos mecanismos apresentados por Grill e Reis (2017), Eliezer Moreira auxilia na manutenção desse sentido compartilhado de preservação cultural através das formas de investir na escrita de seus livros.

Outra publicação de destaque do agente em relação a posicionamentos sobre a "região" são os dois volumes de *Cartas às minhas filhas*, analisados por Grill (2012b). No primeiro volume, *Memórias do meu tempo*, ele retoma sua infância na cidade de sua família no interior maranhense, Barra do Corda, consagrando como um tempo "simples", ligado a natureza e nostalgia (Idem). Ainda neste, em

sua segunda parte, começa a constituir o período em que entrou para a política pelo primeiro governo Sarney, de 1965.

No segundo volume, *Histórias que os jornais não contam*, relembra seu caminho percorrido por diversos cargos eletivos e administrativos em diversas instâncias pelo país, como demonstrado no seu perfil. Pretende, nesse sentido, fazer uma espécie de avaliação dos trâmites institucionais pelos quais passou (GRILL, 2012b). Nesse intercurso, o agente tece comentários baseados em uma pretensa cientificidade acerca de muitas políticas e decisões implementadas pelos governos que participou e seus contextos (Idem).

Uma ênfase de consagração pessoal recaí sobre participações no grupo de Trabalho de Assessoria e Planejamento (GTAP), que se tornaria a Superintendência de Desenvolvimento do Maranhão (SUDEMA). Como aponta Gonçalves (2000), a ideia que se tinha dos participantes dos quadros do primeiro governo de Sarney, influenciada pelas construções empreendidas por seu líder, era de um pessoal altamente técnico e que consagraria uma “verdadeira” política de desenvolvimento para o estado. É a partir dessas classificações que Eliezer Moreira escreve tanto sobre si como do pessoal da assessoria de Sarney, os “rapazes” (GRILL, 2012b). O período é então altamente elogiado a partir dessa perspectiva, com uma perpetuação dos posicionamentos consagrados por Sarney e seu governo na época (GRILL, 2012b).

São assim amalgamados uma capacidade técnica e um pragmatismo político creditados ao poder executivo, já que no legislativo sua atuação teria sido menos expressiva (GRILL, 2012b). Assim, consagra uma forma de fazer política, como “boa administração”, aliada a “capacidades técnicas”, além de apresentar um “cinismo” ao falar dos cálculos eleitorais e seu marketing político (Idem).

Após findada sua carreira pública, Eliezer Moreira também foi empossado na Academia Maranhense de Letras (AML) em 2016, na cadeira nº21, cujo patrono é Maranhão Sobrinho, fundador da academia, escritor e jornalista maranhense.

4. Considerações finais

Os dois agentes examinados são representativos dos perfis de lideranças políticas e das formas de conceber as especificidades de suas “regiões” ou configurações regionais. Ambos fizeram consistentes investimentos acadêmicos e em suas entradas na política, dependendo para isso do estabelecimento de redes de relações pessoais que foram privilegiadas por determinados arranjos sócio-históricos dos seus estados. Durante o fim do Regime Militar (1964-1985), participaram ativamente do encabeçamento da reorganização do ambiente político através do cargo de deputado federal constituinte. Os dois investiram em cursos de Direito como possível trunfo para uma especialização política. Tradicionalmente seguido pelas “elites políticas”, o curso está intrinsecamente relacionado à tentativa de produção de posicionamentos sobre identidades regionais (REIS; GRILL; PEREIRA, 2020).

Quanto as suas diferenças, apesar dos dois migrarem buscando espólios intelectuais, a forma como se deu essa migração foi diferente. Moreira, de família estabelecida, teve a oportunidade de sair ainda jovem de Barra do Corda, onde passou a infância, para investir em sua graduação em direito no Rio de Janeiro. Em contrapartida, Patriota teve que passar por duas graduações em uma cidade interiorana do Ceará, para, somente depois de adentrar na carreira política, investir em diversas pós-graduações. O investimento em uma carreira na elite parlamentar por deputação federal foi bem-sucedida no caso pernambucano, enquanto no maranhense o sucesso veio por

longos anos de serviços na administração do governo do Maranhão, com uma carreira na política eleitoral menos expressiva. Os agentes também ocupam cadeiras em instâncias de consagração intelectual, Patriota na Academia Juazeirense de Letras (AJL) e Eliezer na Academia Maranhense de Letras (AML).

Há também uma clara diferença no predomínio de certos recursos e na linearidade das posições ocupadas pelos dois. Enquanto Eliezer Moreira tem um perfil “tradicional”, sendo a “família” (composta de diversos políticos) um dos principais meios de acesso aos espaços de onde o agente posteriormente irá retirar suas multinotabilidades, Patriota possui um perfil mais “militante”, aos poucos consegue se estabelecer nos domínios políticos e culturais, sendo, provavelmente, seu investimento no sindicalismo rural do interior pernambucano um trunfo importante para a sua ascensão (REIS; GRILL, 2017).

Além disso o trabalho de escrita dos dois também tem suas discrepâncias. Patriota investe na escrita ao sabor do momento político que vive e diretamente sobre este. O agente costuma discorrer sobre seus discursos, atuações nos trâmites da política relacionada ao “Nordeste”, projetos de lei que estão transitando ou que são propostos por ele. Já Moreira vai empreender nesse sentido só após seu afastamento da vida pública. Assim, enquanto no perfil pernambucano, temos a pretensão de legitimar diretamente a atuação política através da escrita, no maranhense essa interferência na conjuntura não pode ser descartada da “intenção” da escrita, mas ela acontece como uma forma de legitimar uma posição mais “distanciada”, dotada de uma espécie de “senso comum douto” (GRILL, 2012b, p. 28), uma visão baseada em “vivências”, sobre um “passado” através da construção de uma “memória”.

Sobre semelhanças entre os investimentos em publicações, os dois vão empreender com seus títulos escolares como forma de consagrar sua intenção de escrita. Além disso, são influenciados dire-

tamente nesse empreendimento por figuras de posição mais “alta” que eles (seja nas temáticas, no investimento escolar acionado para legitimar, nas “análises” e conteúdo abordado), como é o caso de Mansueto de Lavor e Miguel Arraes em relação a Patriota e dos diversos escritores e intelectuais do “grupo” Sarney (incluindo ele próprio) em relação a Moreira.

Podemos então ponderar sobre as questões regionais, como os agentes são influenciados e influenciam a produção de identidades nas suas atuações. Em Pernambuco, historicamente há uma centralidade de seus espaços intelectuais em relação a formação da ideia de Nordeste, muito por conta da província (principalmente as cidades de Olinda e Recife) ter sido por muito tempo, o centro cultural e econômico da “região” (ALBUQUERQUE JR., 2011). Portanto, Gonzaga Patriota, influenciado por este aspecto histórico fala em nome do “Nordeste” e não de “Pernambuco”. No caso maranhense, seus intérpretes buscam sempre uma “especificidade” em relação ao restante do “Nordeste”, provavelmente por ter tido alguma centralidade cultural e econômica no passado, além de possuir uma certa relação com a região “Norte” do país, aparecendo as vezes como “A porta da Amazônia” (GONÇALVES, 2000), ou ainda “Não se mostra seco como o Nordeste, nem é úmido como o Norte (...)” (ALMEIDA, 2008, p.58).

Analisando os ciclos sociais de Gonzaga Patriota, o polo do regionalismo “revolucionário” nordestino (ALBUQUERQUE JR., 2011) tem óbvios impactos no sindicalismo rural que ele viveu na juventude, além das redes que foram estabelecidas nessa época. Como porta-voz dos trabalhadores rurais, o agente passou a investir principalmente no “combate” a “seca nordestina”. Assim, por conta dos inter-cursos acadêmicos, irá produzir principalmente livros sobre “grandes projetos”, como os que tocam sobre a questão do Rio São Francisco, que poderiam “resolver” este problema que ele se imbuíu do papel

de resolver. Como aponta Albuquerque Jr. (2011), o discurso sobre a seca foi um dos principais fatores que contribuíram justamente para a unificação de interesses de diferentes elites regionais, como a de Pernambuco, que formaram a ideia de “Nordeste”. Patriota então incorpora este discurso e lhe dá continuação como estratégia para também ocupar uma posição de unificador dos interesses regionais, consagrando-se como um porta-voz das populações sertanejas e rurais de Pernambuco. Um empreendimento coletivamente constituído por políticos de todos os estados considerados afetados pela “seca” como bem demonstrado em sua coletânea de artigos e discursos.

Em relação a Eliezer Moreira, em sua publicação póstuma à vida política, sobre o trâmite estadual, se posiciona utilizando a ideia de um Maranhão “decadente”, que é uma interpretação baseada num “cânone” de autores do século XIX, que, como “patronos” de cadeiras no Instituto Histórico e Geográfico maranhense (IHGM) pouco foram criticados e problematizados por investimentos intelectuais posteriores, tendo suas ideias reproduzidas de maneira quase dogmática (ALMEIDA, 2008). Dessa forma, se cristalizou a ideia de trazer “progresso” a esse estado “decadente”, ideia proclamada por José Sarney que o ajudou a ser alçado ao governo do estado em 1966, constituindo inclusive um “corpo de técnicos” para tal fim (GONÇALVES, 2000). Como participante desse momento histórico, o ex-deputado consegue estar autorizado a valorizar sua atuação técnica, ao mesmo tempo que instrumentaliza essa ideia do estado decadente. O agente, ao falar de sua participação no governo Sarney (1966-1970), ressalta sua “geração”, principalmente como dotados de uma juventude e competências técnicas para tratar dos problemas do estado, autoimagem construída juntamente com Sarney em sua ascensão ao governo, no movimento pela corrente do “Maranhão Novo” (GONÇALVES, 2000).

Portanto, Eliezer Moreira opera com construções muito parecidas com as que foram produzidas por Sarney sobre o “Maranhão”, das quais ele provavelmente ajudou a (re)produzir. Constrói também representações sobre o papel de técnico pelo qual é reconhecido, tanto no âmbito econômico-administrativo quanto no âmbito do acompanhamento de estratégias eleitorais, que remete a sua participação nas campanhas de Edson Lobão e Roseana Sarney, ambos consagrados politicamente através de suas relações com o “grupo Sarney”.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A invenção do Nordeste. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, A. W. B. de. Os Patronos e os Objetos Agrícolas. In: _____. A Ideologia da Decadência: leitura antropológica a uma história de agricultura do maranhão. Rio de Janeiro: Editora Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008. p. 25-58.

BOM DIA IMIRANTE. Eliezer Moreira Filho produziu um livro sobre a arte no Maranhão, 2017. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5924905/>>. Acesso em: 14/04/2021.

BOURDIEU, Pierre. “A identidade e a representação: Elementos para uma reflexão crítica da ideia de região”. In: _____. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989a. p. 107-132.

_____. “A representação política. Elementos para uma teoria do campo político”. In: _____. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989b. p. 163-208.

_____. “O Mistério do Ministério: Das vontades particulares à ‘vontade geral’”. In: WACQUANT, Loïc (org.). O Mistério do Ministério: Pierre Bourdieu e a Política Democrática. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

_____. A ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta. Usos e Abusos da História Oral. São Paulo: FGV, 1996. p.183-191.

718 Investimentos no “regionalismo” por parlamentares brasileiros:
— dois casos exemplares (PE e MA)

CANAVIEIRA, Luan. Configurações regionais, inserções culturais e carreiras parlamentares (PE e MA). 2021. São Luís. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, 2021.

CAVALCANTE, Francisco. A criação da Diocese – Breve Histórico. Diocese de Petrolina, 2008. Disponível em: <<http://www.diocesedepetrolina.org/a-diocese/historia/>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio (org.). Por outra história das elites. Rio de Janeiro: FGV, 2006. P. 41-53.

DEZEMONE, Marcus. A questão agrária, o governo Goulart e o golpe de 1964 meio século depois. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 36, n. 71, 2016. P. 131-154.

FURTADO, Alencar (José Alencar Furtado). In: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-30. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, 2011 (versão online). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-alencar-furtado>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

GONÇALVES, M. F. C. A reinvenção do Maranhão Dinástico. São Luís: Edições UFMA, 2000.

GRILL, I. G. Bases sociais, representações e usos de espólios Simbólicos em “famílias de políticos”. Revista Pós-Ciências Sociais, vol. 77, n.33, p. 125-162, jan./jun. 2020.

_____. “ISMOS”, “ÍCONES” E INTÉRPRETES: As lógicas das “etiquetagens” na política de dois estados brasileiros (MA e RS). Revista de Sociologia Política, Curitiba, vol. 20, n. 43, p. 193-220, out. 2012a.

_____. “Memórias de Políticos Brasileiros: produção escrita, gestão de imagens e “teorizações” nativas do jogo político. Política e Sociedade, Florianópolis, vol. 11, n. 22, p. 11-40, nov. 2012b.

_____. Processos, condicionantes, e bases sociais da especialização política no Rio Grande do Sul e no Maranhão. Revista de Sociologia Política, Curitiba, vol. 16, n.30, p. 65-87, jun. 2008.

GRILL, I. G.; REIS, E. T. Elites Parlamentares e a Dupla Arte de Representar. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

_____. Intérpretes e notáveis da literatura e da cultura popular do Maranhão. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, vol. 53, n. 2, p. 363-377, maio/ago. 2017.

_____. O que Escrever quer Dizer na Política? Carreiras Políticas e Gêneros de Produção Escrita. Revista Pós Ciências Sociais, São Luís, vol. 9, n.17, p. 101-121, jan./jun. 2012.

LAVOR, Pedro Mansueto de (Pedro Mansueto de Labor). In: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-30. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, 2011 (versão online). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-mansueto-de-lavor>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MARENCO DOS SANTOS, André. O que podemos explicar estudando carreiras políticas? In:_____ (org.). Os eleitos: representação e carreiras políticas em democracias. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. p. 31-52.

MOREIRA FILHO, Eliéser (Eliéser Moreira Filho). In: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-30. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, 2011 (versão online). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moreira-filho-elieser>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MOREIRA, Trayahú (Trayahú Rodrigues Moreira). In: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-30. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, 2011 (versão online). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moreira-traiau-rodrigues>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MOVIMENTTO. Gonzaga Patriota um parlamentar a serviço do Brasil. Recife, ano V, n. 55, 2015.

PATRIOTA, Gonzaga. Coletânea de Artigos Políticos. 6 ed. [s.l.]. [s.n.], 2014.

PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil, entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

720 Investimentos no “regionalismo” por parlamentares brasileiros:
— dois casos exemplares (PE e MA)

PEREIRA, Anthony. O declínio das Ligas Camponesas e a Ascensão dos Sindicatos: As organizações de trabalhadores rurais em Pernambuco na Segunda República, 1955-1963. *Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica*, n. 26-2, p. 245-272. 2008.

REIS, E. T.; GRILL, I. G; PEREIRA, A. T. As “Regiões” nas Entrelinhas do Trabalho Político: Bases Sociais, Investimentos Intelectuais e Carreiras Parlamentares (MG, RS, PE e MA). *Revista TOMO*, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, n. 36, p. 267-322, jan./jun. 2020.

_____. Estudos de elites políticas e as bases das multinotabilidades no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo vol.29, n. 3, p. 137-159, dez. 2017.

Sobre o autor

Luan Pires Canavieira

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (PPGCSoc- UFMA). E-mail: luangoti@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8614-490X>.

